

CENÁRIOS

Economia - Brasil

A economia brasileira vai bem, porém está mal

Ernesto Lozardo*

Basta uma rápida olhada para trás e qualquer pessoa identificará o quanto a economia brasileira mudou e foi para melhor. Há inúmeros indicadores que os economistas utilizam e quase todos apontam na direção da estabilidade, ou seja, nos últimos anos, o grau de incertezas econômicas é muito menor do que há cinco anos. Daqui para frente, essa estabilidade estará sendo consolidada ainda mais, ano após ano. As reformas e os ajustes fiscais brasileiros já não são feitos aos trancos e barrancos ou com forte dose de populismo e de irresponsabilidade fiscal como ocorreram durante 1986 e 1992.

Nesses anos ocorreram os trágicos choques econômicos — do Plano Cruzado ao Collor II — que destruíram a credibilidade da política macroeconômica. Em parte, a ortodoxia da política monetária, a única em vigor, está resgatando parte da credibilidade perdida nos anos 80, apresentando alguns bons resultados que devem ser preservados. Se você acha que este texto contém doses elevadas de otimismo em relação ao futuro da economia brasileira, tenha calma. Mas não se pode desconsiderar o que já se conquistou.

Antes da publicação da Carta aos Brasileiros, a militância do PT gritava por alguma forma um calote nas dívidas interna e externa e rever todos os contratos de privatização do governo FHC. Nada disso aconteceu, mas essa atitude do partido que poderia ganhar como de fato venceu as eleições presidenciais, assustou a sociedade.

O risco país chegou a 2.433 pontos, hoje regrediu para cerca de 220 pontos; a dívida pública que chegou a 58% do PIB está em 51% e poderá ficar abaixo de 50% neste ano; a corrente de comércio que durante décadas não ultrapassava 15% do PIB, chegou a 30%; a taxa anual de inflação é baixa e deve continuar em queda; a dívida com o FMI está zerada; os investimentos que durante décadas não ultrapassavam dos 17% do PIB, chegaram a 28%; a renda do trabalhador está crescendo, com ganhos reais acima de 20%; o efeito renda do programa Bolsa Escola é uma realidade; a renda familiar das classes C e D está crescendo; o índice da Bovespa que, em 2002, chegou em torno de 10 mil pontos e até o final deste ano deve ultrapassar os 43 mil pontos; e há muitos outros aspectos positivos.

Mas, por que a economia brasileira não retoma o ritmo de crescimento sustentável?

As restrições estruturais localizadas, unicamente, no governo federal, impedem que a economia brasileira retome o curso acelerado do crescimen-

to. Essas limitações encontram-se no excessivo gastos primários do governo federal e no explosivo déficit da previdência pública federal. Na ausência de reformas previdenciárias e fiscais, o caminho mais fácil continuará sendo o aumento dos impostos.

A irresponsabilidade do governo Lula nos gastos públicos mantém a taxa nominal de juros elevadíssima, câmbio valorizado e impostos abusivos. Isso faz com que os investidores temam que em algum momento o governo federal, em conjunto com o Congresso Nacional, aprove medidas de ajustes fiscais lesivas tanto para o capital como para o nível de emprego. Apesar de importantes conquistas econômicas, pode-se afirmar que a economia brasileira vai bem, porém está mal.

Isso explica em grande parte o ceticismo dos economistas e empresários quanto a capacidade de o Brasil poder crescer a taxas acima de 4% a. a. Falta-nos um ambiente favorável aos investimentos e há uma certa desconfiança de como os ajustes nas contas públicas serão feitos. Roberto Campos costumava dizer que os políticos não se preocupam com a Nação, mas sim com a próxima eleição. Infelizmente ele não viveu o suficiente para ver sua tese piorada. Hoje os parlamentares não se preocupam nem com a Nação e, tampouco, com a reeleição, mas com o "mensalão". Partindo desse pressuposto, a crise da ética na política conjugada com a irresponsabilidade fiscal do governo federal, não proporciona ao Brasil ambiente favorável aos investimentos necessários ao crescimento.

A falta de perspectivas positivas para o futuro desorienta a sociedade. Deixamos de viver a era do "salve-se quem puder" e passamos à era do "roube como puder", pois há impunidade para todos e para todas as idades.

A falta de transparência e da ética no trato do interesse público acarreta: aumento da carga tributária, da informalidade e da ineficiência competitiva econômica em um mundo globalizado. O crescimento sustentável se dará à medida que os governantes demonstrem rigor na redução dos gastos públicos e realizarem parcerias com a iniciativa privada no que for de interesse social.

O Brasil dos choques econômicos foi uma heresia. Felizmente venceu a moderação do real no combate à inflação. Mesmo assim, ainda não realizou as reformas fiscais e previdenciárias que possam assegurar o crescimento sustentável. Falta credibilidade política no trato do interesse público nacional. Falta-nos, então, muita coisa para que o Brasil possa dar certo.

*Professor de economia da EAESP-FGV